

**A VARIÁVEL SEXO/GÊNERO
EM CONTEXTO DE ENSINO FUNDAMENTAL**

Maria Aparecida de Souza Guimarães (UESB e UNEB)
cidaguimaraesuneb@gmail.com

Gilsileide Cristina Barros Lima (UESB)
gilbarroslima@gmail.com

Jorge Augusto Alves da Silva (UESB)
adavgvstvm@gmail.com

RESUMO

O artigo discute a relação da variável sexo/gênero (homens e mulheres) a partir de dados extraídos de três dissertações de docentes do Ensino Fundamental vinculadas ao Programa de Pós-Graduação PROFLETRAS da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Do ponto de vista linguístico, tomamos a realização da Concordância Verbal entre adolescentes no cotidiano escolar. Os informantes envolvidos nessas pesquisas são estudantes regularmente matriculados em escolas formais da rede pública de diferentes municípios no interior da Bahia, quais sejam, duas de Vitória da Conquista (uma escola localizada na zona rural, em uma comunidade quilombola, e outra, na zona urbana). Já a escola de Palmas de Monte Alto é localizada em área urbana, porém, parte dos informantes é oriunda da zona rural e a outra, da zona urbana. Ressaltamos que todos os trabalhos (NOGUEIRA, 2015; BARBOSA, 2015; BATISTA, 2015) adotaram a perspectiva Sociolinguística Variacionista laboviana. Controlada a variável sexo/gênero, os resultados mostram que, diferentemente do que apontam estudos clássicos sociolinguísticos, novas tendências da fala feminina vêm sendo realizadas por essa comunidade de prática.

Palavras-chave:

Sociolinguística. Concordância verbal. Variável sexo/gênero.

ABSTRACT

The article discusses the relationship of the variable sex/gender (men and women) from data extracted from three dissertations of elementary school teachers linked to the PROFLETRAS Graduate Program of the State University of the Southwest of Bahia (UESB). From the linguistic point of view, we take the realization of verbal agreement between adolescents in the daily school. The informants involved in these surveys are students regularly enrolled in formal public schools of different counties in the interior of Bahia, namely, two of Vitória da Conquista (a school located in the rural area, in a quilombola community, and another, in the urban area). Palmas de Monte Alto school is located in an urban area, however, part of the informants come from the rural area and the other, from the urban area. We emphasize that all the tasks (NOGUEIRA, 2015; BARBOSA, 2015; BATISTA, 2015) adopted the labovian Variationist Sociolinguistic perspective. Controlled the variable sex/gender, the results show that, unlike what classical sociolinguistic studies indicate, new trends in female speech have been carried out by this community of practice.

Keywords:
Sociolinguistics. Verbal agreement. Variable sex/gender.

1. Introdução

A variável sexo/gênero é um tema bastante discutido na Sociolinguística. Estudos mostram que a oposição homem *versus* mulher pode determinar diferenças importantes na realização linguística (falada ou escrita) entre os falantes de um mesmo grupo. Tais diferenças estariam relacionadas aos costumes, à cultura e aos padrões morais e sociais de homens e mulheres.

Por certo, homens e mulheres assumem funções diferentes do ponto de vista social. Nesse caso, a escolha de uma ou outra forma linguística seria determinada socialmente e estaria condicionada a esses papéis ou lugares sociais.

Nessa perspectiva, pretendemos refletir acerca da relação entre a variável sexo/gênero e a realização da concordância verbal, tendo em vista tendências verificadas em estudos da Sociolinguística quanto à fala feminina em correlação à masculina. Para tanto, realizamos a seguinte pergunta: qual tem sido o comportamento do gênero feminino [meninas adolescentes] quanto ao português usado no cotidiano da escola na realização da concordância verbal?

Os informantes envolvidos nessas pesquisas são estudantes regularmente matriculados em escolas formais da rede pública de diferentes municípios no interior da Bahia, quais sejam, duas de Vitória da Conquista e uma de Palmas de Monte Alto, localizadas em áreas urbana e rural. A descrição das instituições será melhor explicitada ao longo deste trabalho.

Tomamos como base para este estudo uma pesquisa de Oushiro (2015), intitulada *Interação entre sexo/gênero e classe social no uso variável da concordância verbal*, devido à semelhança entre as temáticas (concordância verbal) e perspectiva teórica de análise (Sociolinguística).

Oushiro (2015, p. 152) destaca que numerosos estudos sociolinguísticos verificaram uma relação recorrente entre a variável sexo/gênero e fenômenos de variação linguística: formas consideradas “padrão” ou “de prestígio” tendem a ser favorecidas pelos falantes do sexo feminino, enquanto as variantes consideradas “não padrão” ou “estigmatizadas” tendem a ocorrer de maneira relativamente mais frequente na fala dos

homens. Com base em pesquisas sociolinguísticas, chama atenção o fato de que, enquanto a recorrência dessa correlação é digna de nota, a interpretação do fenômeno é menos consensual. Assim, Oushiro (2015, p. 152) apresenta as seguintes interpretações:

- 1) as mulheres tenderiam a empregar formas de prestígio como maneira de tentar superar sua posição desprivilegiada na sociedade (FASOLD, 1990);
- 2) as mulheres tenderiam a empregar formas de prestígio como maneira de não se identificar com a promiscuidade (GORDON, 1997);
- 3) as mulheres tenderiam a empregar formas de prestígio como maneira de manter a face em interações nas quais não detêm o poder (DEUCHAR, 1988);
- 4) as mulheres tenderiam a empregar formas de prestígio como maneira de adquirir *status* social indiretamente, ao passo que os homens podem fazê-lo por meio de sua ocupação e renda (TRUDGILL, 1972);
- 5) as mulheres teriam uma maior capacidade neurobiológica para a linguagem (CHAMBERS, 1995);
- 6) não são as mulheres que favorecem as formas de prestígio, as formas por elas empregadas é que tendem a ser vistas como ‘mais corretas’ (MILROY et al., 1994);
- 7) não são as mulheres que favorecem as formas de prestígio, mas os homens é que se orientam a formas de prestígio encoberto, em geral identificadas com classes sociais mais baixas, cujo trabalho, frequentemente braçal, se relaciona simbolicamente com ideais de virilidade (CHESHIRE, 2002).

As quatro primeiras interpretações remetem-se a uma necessidade de superação, em que partiria da mulher o desejo de ser superior em relação ao outro, e o outro aqui é o homem. Nesse caso, teriam as mulheres o propósito e/ou a necessidade de perceber-se distintamente entre outros? Por que isso ocorreria?

Nas três últimas interpretações, o emprego mais frequente da norma “padrão” ou “de prestígio” entre as mulheres seria desencadeado por fatores externos a elas, influenciado por diferenças biológicas ou por situações que envolvem a ocupação de espaços na sociedade.

Diante dessas interpretações relacionadas ao emprego recorrente da norma padrão na fala das mulheres, identificamos um grande desafio que, longe de ser vencido ou superado, deve ser discutido. Nesse sentido, faremos a análise com base em três dissertações de docentes do Ensino Fundamental vinculadas ao Programa de Pós-Graduação PROFLETRAS da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB).

O presente artigo está organizado em cinco partes: introdução; aspectos teórico-metodológicos; achados das pesquisas: dados e discussão; considerações finais e referências.

2. Aspectos teórico-metodológicos

Para o presente trabalho, analisamos 3 (três) dissertações, as quais versam sobre o fenômeno linguístico da concordância verbal: (01) *Varição linguística em Palmas de Monte Alto: análise da concordância verbal na escrita de estudantes do ensino fundamental*, de Maria Zélia Alves Nogueira (2015); (02) *Uma relação de intimidade ou um fosso profundo entre sujeito e verbo: estudo da concordância verbal de 3ª pessoa do plural no 9º ano*, de Elenita Alves Barbosa (2015); e (03) *Os laços da concordância verbal: perfil da variação no 9º ano do Ensino Fundamental*, de Renné da Glória Andrade Marques Batista (2015).

A escolha das dissertações explicitadas justifica-se por considerarmos as semelhanças entre si nos aspectos faixa etária e série, porém com diferenças nas comunidades de fala (urbano, rural e, por interpretação, *rurbano*).

Ressaltamos que nos interessa observar o processo de realização da concordância verbal, tendo em vista dados relacionados a resultados de escrita efetuada por mulheres/meninas, nesse caso, adolescentes na faixa etária entre 11 e 18 anos. Chamamos atenção para o fato de que todos os trabalhos adotaram a perspectiva sociolinguística variacionista laboviana (NOGUEIRA, 2015; BARBOSA, 2015; BATISTA, 2015).

Ao observar a covariação gênero/sexo, Oushiro (2015), fundamentada em Rodrigues (1987) e Coelho (2006), afirma que a “diferença” reside possivelmente nos padrões e na formação de redes. Segundo ela, conforme interpretação feita por Rodrigues (1987),

[...] os homens migrantes tendem a obter trabalho fora do bairro e têm mais contato com as normas linguísticas da cidade do que as mulheres, que geralmente são donas de casa e mantêm laços mais estreitos com a comunidade local. Os nativos da cidade [São Paulo], por sua vez, não necessariamente seguem essa mesma divisão de sociabilidade entre os gêneros (OUSHIRO, 2015)

Por outro lado, continua dizendo a pesquisadora, com base em um estudo de Coelho (2006), que mesmo as donas de casa, quando casadas com homens com emprego estável, favorecem a forma padrão em re-

lação a homens e mulheres desempregados ou de famílias ‘desestruturadas’. Com isso, é possível afirmar que a configuração das redes sociais dos falantes parece não dar conta dos padrões de uso variável das concordâncias verbais.

Desse modo, Oushiro (2015) sugere parecer necessário examinar a posição social desses falantes para fazer o cruzamento entre sexo/gênero dos falantes, por um lado, e o nível de escolaridade e classe social, por outro, para os usos de 1PP e 3PP⁴⁶. (OUSHIRO, 2015, p. 160-1).

Diante das interpretações apresentadas por Oushiro (2015) e relacionadas ao uso recorrente da forma linguística padrão na fala das mulheres, podemos tomar a variável sexo/gênero como um desafio nos estudos da sociolinguística. Nesse sentido, Freitag (2015) lembra que os primeiros estudos sociolinguísticos apontaram a preferência das mulheres por variantes linguísticas com maior prestígio, assim como uma maior sensibilidade feminina ao prestígio social das formas linguísticas. De acordo com a pesquisadora, decorre daí a ideia de que mulheres tendem a liderar processos de mudança linguística que envolvem variantes prestigiadas e assumem uma atitude conservadora quando as variantes são socialmente desprestigiadas.

Freitag (2015) chama atenção para o fato de a Sociolinguística ter como premissa o estudo da relação entre língua e sociedade, e argumenta que se a sociedade muda, as explicações desse modelo teórico-metodológico deveriam também mudar. A autora explica que o fato de as mulheres preferirem as formas padrão ou não estigmatizadas deve-se ao seu papel como mães e educadoras. Conclui, no entanto, que talvez essa tese fosse válida nos anos 1960, mas hoje não se pode dizer que seja esse o papel das mulheres na sociedade, ou, ainda, ousamos completar, que não seja exclusivamente esse o papel feminino.

Na perspectiva do desafio, pretendemos, na presente análise, responder à pergunta realizada na introdução deste artigo relacionada ao comportamento do gênero feminino [meninas adolescentes] quanto ao português usado no cotidiano da escola na realização da concordância verbal. Vejamos a seguir os dados encontrados nas dissertações.

⁴⁶ Primeira Pessoa do Plural e Terceira Pessoa do Plural.

3. Achados das pesquisas: dados e discussão

Na pesquisa (01) *Variação linguística em Palmas de Monte Alto: análise da concordância verbal na escrita de estudantes do ensino fundamental*, Nogueira (2015) objetiva identificar os fatores linguísticos e sociais que motivaram a ocorrência da variação linguística em questão em textos de alunos do 6º e do 7º anos, com dados de informantes na faixa etária entre 11 e 18 anos, do Colégio Municipal Eliza Teixeira de Moura, no município de Palmas de Monte Alto, na Bahia.

Nogueira (2015) partiu da crença de que o espectro da variação no contexto observado direciona-se para a aquisição das marcas de número no paradigma verbal. Quanto à variável sexo (feminino), com fundamentação em Guy (1981), aventou que, nesta investigação, “(...) asmulheres tendem a realizar a concordância na variante padrão com mais frequência do que os homens” (NOGUEIRA, 2015, p. 87).

O *corpus* da pesquisa contou com oitenta textos narrativos produzidos por vinte informantes, sendo controlada, entre outras variáveis extralinguísticas, a variável sexo (masculino/feminino). Para a autora, essa variável está entre as mais estudadas no âmbito das pesquisas sociolinguísticas e, na maioria das pesquisas, tem-se apontado o sexo feminino como o mais propenso à realização da concordância na variante padrão. Observa ainda que, por se tratar de uma matéria controversa, assume no estudo a diferença “masculino” e “feminino” com base na declaração dos informantes no questionário socioeconômico.

Melhor explicitando, fizeram parte dessa pesquisa dez informantes oriundos de localidades rurais e dez da região urbana, igualmente estratificados por diazonalidade (rural/urbano), e pertencentes à classe social baixa, com exceção de apenas três casos, considerados pertencentes à classe média, com faixa etária de 11 a 18 anos, do Colégio Municipal Eliza Teixeira de Moura.

Foram coletados 621 dados (masculino e feminino). Desses, foram identificadas 444 ocorrências do emprego da concordância verbal com a presença de morfema de terceira pessoa do plural, o que corresponde a 71,5% do total. Os dados apontaram também 177 ocorrências com ausência do morfema de terceira pessoa do plural, o que equivale a 28,5% do total de realizações. Desse modo, temos: Feminino = 64,0% e PR ,41 e Masculino = 81,25% com PR ,60.

Como se pode observar por meio dos resultados, o uso da variante padrão foi mais produtivo do que o da variante não padrão. Constatou-se, também, que o percentual de uso da variante padrão foi significativo, sobretudo em se considerando o fato de não obstante os alunos estudarem em escola urbana, uma parte dos informantes provém de localidades rurais. Quanto à realização da variável sexo (feminino/masculino), o sexo masculino apresentou um maior índice de aplicação da regra de concordância, contrariando a hipótese levantada pela autora.

A respeito das diferenças entre os informantes, a autora considera que:

[...] como quase todos os informantes são adolescentes e, considerando-se que a maioria possui renda baixa, as meninas, tradicionalmente, ajudam a família nos afazeres domésticos, cuidam dos irmãos menores, etc., enquanto os meninos levam uma vida mais livre. (NOGUEIRA, 2015, p. 123)

Apesar da crença no cuidado frequente das mulheres quanto ao uso padrão da língua, os resultados apontam o contrário a essa proposição e vão ao encontro das constatações da pesquisa empreendida por Nogueira (2015), ou seja, o uso da regra recai sobre o sexo masculino. Nesse sentido, a autora reporta-se a outras pesquisas, como Lucchesi; Baxter; Silva (2009) e Bortoni-Ricardo (2011), em que os resultados apontam o contrário, ou seja, o uso da regra recai sobre o sexo masculino.

Na segunda dissertação, intitulada (02) *Uma relação de intimidade ou um fosso profundo entre sujeito e verbo: estudo da concordância verbal de 3ª pessoa do plural no 9º ano*, Barbosa (2015) discute a concordância verbal como regra variável na terceira pessoa do plural ou P6, descortinando fatores condicionantes (linguísticos e extralinguísticos) que favoreçam a ocorrência ou não da “solidariedade” entre o sujeito e o núcleo do predicado, com o intuito de propor estratégias didático-pedagógicas que venham a facilitar a aprendizagem da variedade de prestígio.

A autora parte da hipótese de que as mulheres realizam mais a concordância verbal do que os homens, dada a forte crença em cada uma das faces por meio das quais as mulheres podem ser vistas: estão mais expostas às correções gramaticais; são mais sensíveis às normas de prestígio; ocupam a função de formadoras e instrutoras no ambiente doméstico; são maioria em testes que envolvem soletração e compreensão de textos. Com base nesses aspectos, segundo a pesquisadora, as mulheres rea-

lizariam com mais frequência as regras de concordância (BARBOSA, 2015).

Os informantes dessa pesquisa são estudantes do 9º ano da Escola Municipal Francisco Antônio de Vasconcelos, localizada na comunidade-quilombola de Cabeceira, zona rural de Vitória da Conquista – Bahia. São vinte discentes, moradores da localidade [comunidade quilombola de Cabeceira] e comunidades vizinhas, com faixa etária de 14 a 17 anos. Entre outras, foi controlada também a variável “sexo” (feminino/masculino) e o *corpus* constituído por vinte textos selecionados aleatoriamente, sendo dez de discentes do sexo feminino e dez do sexo masculino.

Quanto aos dados, foram consideradas 402 ocorrências de uso do plural, realizadas por vinte alunos (dez do sexo feminino e dez do sexo masculino) em produções de textos escritos. Obteve-se como resultado: Variante padrão – 301/402 – Frequência de 74,9% e Variante não padrão – 101/402 – 25,1%, com uma frequência 62,3% e PR, 29 para o sexo feminino e frequência 88,9% e PR, 73 para o sexo masculino.

Assim, com a hipótese inicial refutada, Barbosa (2015) afirma que parece ficar claro um papel inovador dos homens, e justifica os resultados com base na pesquisa de Silva (2005). Segundo esse pesquisador, os homens “(...) tendem a adquirir as formas prestigiadas mais cedo que as mulheres” (SILVA, 2005, p. 277), tendo em vista as seguintes hipóteses: maior inserção no mercado de trabalho, o que evidencia maiores contatos com a língua; saírem mais da comunidade para trabalhar; divertirem-se mais com amigos. Por se tratar de adolescentes, nesse caso, justificar-se-ia pelo último argumento apresentado [divertirem mais com amigos].

Por último, em (3) *Os laços da concordância verbal: perfil da variação no 9º ano do ensino fundamental*, Batista (2015) discutiu as tendências de aplicação da regra padrão de concordância verbal em textos de alunos do Ensino Fundamental, com o objetivo de propor instrumentos metodológicos para que o discente possa aprender as normas de prestígio, em um processo de inclusão por meio do letramento contínuo.

A pesquisadora defende a hipótese de que os meninos e as meninas, que tenham bens de consumo materializados pela renda econômica, também estejam propensos aos valores mais próximos de um ideal de consumo de conhecimento. A hipótese da variável social é que o aluno que convive no âmbito familiar com pessoas letradas, desde a sua tenra infância, apresentará um bom desempenho na vida escolar.

Compõem o *corpus* dessa pesquisa produções de textos motivadas pela leitura de diferentes textos, a saber: cinematográfico (filme “2 filhos de Francisco”); imagético (*charge* em linguagem não verbal); e a narrativa “História de amor” (também em linguagem não verbal). Foram reunidos dados de ocorrências de sessenta produções, divididas em três atividades, realizadas por vinte informantes matriculados no 9º Ano do Colégio da Polícia Militar (CPM – Eraldo Tinoco), zona urbana.

A pesquisadora explicita que a “variável sexo” tem recebido uma atenção especial dos estudos sociolinguísticos, quando se trata da concordância verbal em terceira pessoa do plural. Explica também que muitas pesquisas recentes publicadas no país, principalmente nas regiões sul e sudeste, apontam para o fato de o sexo feminino ser mais susceptível à realização da concordância de acordo com a regra padrão.

Indo para os dados: o programa *GoldVarb*, ao tomar como base o *input* de .9777 e no nível de significância 0.114, selecionou cinco variáveis (duas linguísticas e três extralinguísticas) que se mostraram estatisticamente relevantes para a aplicação da regra padrão, entre elas, “sexo”. Nível de concordância com a forma padrão – Padrão: 378/406 – 93.1 % e Não Padrão: 28/406 – 6.9%.

Na análise em questão, conforme a estudiosa, a frequência do uso da forma padrão pode ser atribuída a uma série de elementos de natureza extralinguística, como: (1) os alunos se sentirem motivados para os estudos; (2) os alunos desejarem destaque na Instituição para galgar patentes mais elevadas; (3) os utentes obterem boas notas para estar entre os melhores; (4) a disciplina imposta aos discentes; (5) rotina de estudo de cada aluno; (6) incentivo da família, entre outros. Quanto à aplicação da concordância verbal por sexo: Feminino – 229/250 – 91.6% e P.R., 43 e Masculino – 149/156 – 95.5% e P.R., 60.

A pesquisa mostrou que os meninos fizeram mais concordância do que as meninas. De acordo com Batista (2015), uma das possíveis explicações para esse fenômeno é o fato de a sociedade constituir-se de “valores” e o Colégio Militar estimular a ascensão desses “valores”, ao instituir as patentes militares que podem ser alcançadas pelos melhores alunos, por meio das promoções que levam em consideração o desempenho anual quantitativo em todas as disciplinas, bem como o comportamento em consonância com as normas vigentes.

Considerando-se que os informantes dessa pesquisa estão inseridos no Colégio da Polícia Militar, com crenças e valores pertinentes à es-

trutura militar, teriam as meninas “optado” por não assumirem ou adotarem os 6 (seis) elementos explicitados acima?

Importa observar que essa escola não tem desvio de idade/série, pois a inscrição só é permitida para os alunos que estão na idade regular para aquela série. Pelo regimento interno da Instituição, os alunos que são reprovados por dois anos consecutivos na mesma série são eliminados automaticamente do quadro da escola.

Diante disso, e, considerando-se que “meninas” e “meninos”, aparentemente, encontram-se no mesmo contexto de cobrança, como justificar o comportamento linguístico das mulheres/meninas.

A autora infere que o uso da língua padrão entre os meninos se dá por entender que, na realidade Sociolinguística do colégio em questão, os homens sentem-se mais motivados a empregarem as formas linguísticas privilegiadas. Assim, a explicação apresentada pela pesquisadora responde às questões por nós levantadas.

Como estamos lidando com aspectos relacionados à linguagem, é pertinente recorrermos à compreensão de Eckert e McConnel-Ginet (2010 [1992]) sobre essa temática. Para elas, é relevante destacar que, em todas as atividades, a linguagem interage com outros sistemas simbólicos, a exemplo de vestimenta, adornos corporais, modos de movimento, olhar, toque, estilo de caligrafia, frequência assídua a determinados espaços etc. E os sentidos de si constituídos não são simplesmente sentidos generificados. Desse modo, concluem que:

Nunca nos deparamos com a linguagem sem que esteja acompanhada de outros sistemas de símbolos, e o gênero é sempre acompanhado de formas complexas de participação de pessoas reais em comunidades às quais elas pertencem (ou pertenceram, ou esperam ainda pertencer). (ECKERT; MCCONNEL-GINET (2010 [1992], p. 97)

Neste estudo, observamos que, diferentemente da proposição que se admite inicialmente nas pesquisas de Nogueira (2015), Barbosa (2015) e Batista (2015), os meninos realizaram mais a concordância verbal do que as meninas. O fato de as referidas hipóteses não terem sido validadas mostra, como propõe Oushiro (2015) a importância de um olhar mais cuidadoso em relação aos estudos da variável sexo/gênero. Na análise de determinado fato linguístico deve-se levar em consideração a inter-relação de circunstâncias que o acompanham.

Também como sugerem Eckert e McConnel-ginet (2010 [1992], nessa ação mútua da linguagem com o conjunto de símbolos, em que um

afeta e/ou influencia o desenvolvimento ou a condição do outro, é necessário, portanto, verificar a significação daquilo que a variável sexo/gênero expressa e pode significar em determinado contexto.

3. Considerações finais

Os dados extraídos das três dissertações de docentes do ensino fundamental do Programa de Pós-Graduação PROFLETRAS da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) mostram que as mulheres/meninas empregam menos do que os homens/meninos as marcas de concordância verbal no cotidiano escolar.

As mulheres/meninas na dissertação (1) de Nogueira (2015) são oriundas das localidades rural/urbano, têm uma mobilidade entre esses dois espaços, pertencem em sua maioria à classe social baixa em um município no interior do sertão da Bahia (Palmas de Monte Alto) e estudam em escola urbana. Se, por um lado, os resultados “contrariam” as expectativas quanto à variável sexo – 11 a 18 anos – Feminino = 64,0 e PR, 41 e Masculino = 81,25 com PR, 60, alunas do 6º e 7º ano, por outro, sinalizam, certamente para a necessidade de “(...) um olhar mais atento para a variável sexo/gênero, cujo efeito nem sempre pode ser interpretado por si só” (OUSHIRO, 2015, p. 164).

As mulheres/meninas da dissertação (2), Barbosa (2015), são estudantes do 9º ano, em uma escola localizada em uma comunidade quilombola, zona rural do município de Vitória da Conquista (Bahia) – 14 a 17 anos. A variante padrão – 301/402 – Frequência de 74,9% e Variante não padrão – 101/402 – 25,1%, com uma frequência 62,3% e PR, 29 para o sexo feminino e frequência 88,9% e PR, 73 para o sexo masculino. Nesse caso, as informantes tendem para um uso compatível com o português popular quanto à indicação do P.R. (29). Reforçamos também aqui a sugestão de um olhar mais atento para a variável sexo/gênero, um olhar que vá além da consideração de que “(...) para além do binarismo inconsequente ‘mulheres favorecem a forma padrão – homens favorecem a forma não padrão’” (OUSHIRO, 2015, p. 164).

Já na dissertação (03), as mulheres/meninas são oriundas da zona urbana, classe média baixa. O resultado mostra o nível de concordância com a forma padrão – Padrão: 378/406 – 93.1 % e Não Padrão: 28/406 – 6.9%. Na análise em questão, a frequência do uso da forma padrão pode

ser atribuída a uma série de elementos de natureza extralinguística, já mencionados.

Quanto à aplicação da concordância verbal por sexo: Feminino – 229/250 – 91.6% (P.R. – .43) e Masculino – 149/156 – 95.5% (P.R. – .60), as implicações linguísticas apontadas para a frequência de uso da regra não poderiam, também, ser validadas para as mulheres/meninas? Fica a pergunta: Por que as mulheres/meninas estão usando menos as marcas?

Se as mulheres são mais sensíveis às normas linguísticas, como postulam inúmeras pesquisas, como as aqui apresentadas (OUSHIRO, 2015), qual a motivação de uso da forma não padrão realizada pelas mulheres/meninas nas pesquisas de Barbosa (2015), Batista (2015) e Nogueira (2015)? Quem são essas mulheres/meninas?

Ancorados em estudos organizados por Ostermann e Fontana (2010), clássico estudo de Robin Lakoff (1973) e Eckert e McConnell-Ginet (1992), ensejamos entender como as alterações do comportamento feminino alteraram a expectativa da sociedade acerca do falar feminino. Assim, fica a pergunta para maiores e futuras investigações: o que dizem que a mulher utente do português diz e o que realmente diz essa mulher (menina) no português do Brasil?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Elenita Alves. *Uma relação de intimidade ou um fosso profundo entre sujeito e verbo: estudo da concordância verbal de 3ª pessoa do plural no 9º ano*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-graduação em Mestrado Profissional em Letras – ProfLetras, Vitória da Conquista, 2015.

BATISTA, Renné da Glória Andrade Marques. *Os laços da concordância verbal: perfil da variação no 9º ano do ensino fundamental*. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-graduação em Mestrado Profissional em Letras – ProfLetras, Vitória da Conquista, 2015.

ECKERT, Penelope; MCCONNELL-GINET, Sally. *Comunidades de práticas: lugar onde co-habitam linguagem, gênero e poder*. In: OSTERMANN, Ana Cristina; FONTANA, Beatriz. (Org.). *Linguagem, gênero, sexualidade: clássicos traduzidos*. São Paulo: Parábola, 2010.

FREITAG, Raquel Meister Ko. *(Re)discutindo sexo/gênero na sociolinguística*, p. 17-74. In: ____; SEVERO, Cristine Gorski (Org.). *Mulheres, linguagem e poder – Estudos de gênero na sociolinguística brasileira*. São Paulo: Blucher, 2015.

LAKOFF, Robin. *Linguagem e lugar da mulher*. In: OSTERMANN, Ana Cristina; FONTANA, Beatriz (Org.). *Linguagem, gênero, sexualidade: clássicos traduzidos*. São Paulo: Parábola, 2010.

NOGUEIRA, Maria Zélia Alves. *Variação linguística em Palmas de monte alto: análise da concordância verbal na escrita de estudantes do ensino fundamental*. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-graduação em Mestrado Profissional em Letras – ProfLetras, Vitória da Conquista, 2015.

OUSHIRO, L. *Interação entre sexo/gênero e classe social no uso variável da concordância verbal*. In: FREITAG, Raquel Meister Ko.; SEVERO, Cristine Gorski. SEVERO, Cristine Gorski. (Org.). *Mulheres, linguagem e poder – Estudos de gênero na sociolinguística brasileira*. São Paulo: Blucher, 2015.